

O CORPO EM PSICANÁLISE: O CASO SCHREBER

FABIANA ANGÉLICA COSTA FARIA¹, YARA MAGALHÃES DOS SANTOS¹,
CAIO CÉSAR SOUZA CAMARGO PRÓCHNO²

RESUMO

Este trabalho trata de compreender o corpo em Psicanálise, utilizando-se para isso a leitura da obra de Daniel Paul Schreber, “*Memórias de um Doente dos Nervos*”. A análise da obra de Schreber realizou-se através do método psicanalítico, como se fosse uma psicanálise das memórias daquele jurista. Todo esse estudo realizado manteve um diálogo constante com a análise feita por Freud do caso Schreber, em seu texto de 1911, “*Notas Psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides)*”. Além disso, a pesquisa também abordou estudos acerca de outros autores que igualmente analisaram o referido caso, como Lacan e Canetti. Foi evidenciado que a análise de Freud sobre o caso Schreber foi crucial para instigar posteriores estudos psicanalíticos, particularmente aqueles que trabalharam a questão do corpo em Psicanálise e das inserções desse com a paranóia.

Palavras-chave: Corpo em Psicanálise, Daniel Paul Schreber, Paranóia.

¹Discentes do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Av. Pará, nº 1720, Bloco 2C, Bairro Umuarama, Uberlândia-MG, CEP: 38405-320. E-mails: fabiangelica@hotmail.com.br; yara_msantos@hotmail.com.

²Professor Associado do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Av. Pará, nº 1720, Bloco 2C, Bairro Umuarama, Uberlândia-MG, CEP: 38400-902. E-mail: c.prochno@uol.com.br; caioprochno@terra.com.br.

ABSTRACT

This work treats to comprehend the body in Psychoanalysis, using for this purpose the reading of Daniel Paul Schreber's work, "*Memórias de um Doente dos Nervos*". The Schreber's analysis of the body was carried out through the psychoanalytic method, as it was a psychoanalysis of that jurist. This whole study which was carried out kept a constant dialogue with the analysis of the Schreber case, made by Freud in his text of 1911, "*Notas Psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides)*". Moreover, the research also approached studies concerning other authors who have equally analyzed the above mentioned case, as Lacan and Canetti. It was evidenced that the analysis of Freud about the Schreber case was crucial to instigate posterior psychoanalytic studies, particularly those that have worked with the question of the body in Psychoanalysis and its insertions with the paranoia.

Keywords: Body in Psychoanalysis, Daniel Paul Schreber, Paranoia.

1. INTRODUÇÃO:

Freud inicialmente em seus estudos não teve a intenção de abordar a questão do corpo diretamente, porém essa lhe surgiu como um conhecimento inevitável para prosseguir com suas pesquisas sobre o psiquismo humano, dando embasamento deste modo para o surgimento da Psicanálise.

Em meados de 1911, Freud teve acesso ao livro escrito por Daniel Paul Schreber, intitulado “*Memórias de um Doente dos Nervos*”, no qual o próprio autor apresentara relatos sobre o desenvolvimento de sua patologia.

A partir do estudo “*Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)*” do caso Schreber, realizado por Freud, o mesmo passou a ter maior compreensão sobre a importância do corpo e sua relação com o inconsciente, o que, em anos anteriores, já havia sido despertado com o estudo das histéricas.

Com o relato do caso Schreber em mãos, Freud teve a oportunidade de analisar psicanaliticamente aquelas memórias como se Schreber fosse um paciente normal. Portanto, o estudo de tal caso, enfocando especificamente o corpo, se faz primordial para que sejam formuladas novas concepções sobre a temática e sua relação com as enfermidades que se dão ao nível do psiquismo.

A análise de Freud sobre o caso Schreber foi crucial para instigar posteriores estudos psicanalíticos e ainda hoje pesquisas se especializam a estudar a questão do corpo. Tornam-se elas pertinentes nos dias atuais, já que esta temática tem sido cada vez mais enfatizada por diversos campos do saber. Além disso, o corpo na sociedade atual tem se tornado um “corpo patológico”, canalizador de sofrimento psíquico.

De acordo com Violante (2000), a investigação em psicanálise não se limita à situação analítica, e isso pode ser observado a partir de estudos realizados por Freud, pois este escreveu não apenas sobre o caso Schreber, mas também sobre o pequeno Hans, Leonardo da Vinci e outros que não frequentaram seu divã.

Em relação à pesquisa científica, Freud apontava que ela deveria estar produzindo novas hipóteses que substituiriam as lacunas deixadas pelas velhas. Assim, se os dados não correspondessem a um desenvolvimento do olhar metódico, novas pesquisas deveriam ser realizadas visando descobrir elementos que, além de explicar os fenômenos analisados, possibilitariam aos pesquisadores visualizar uma nova dinâmica universal que abordasse as relações causais (WOLMAN, 1967).

1.1 O conceito de corpo que perpassa a Psicanálise freudiana

No nascimento da Psicanálise a questão do corpo não foi descartada. Tal questão em Freud tornou-se evidente a partir do momento que ele se deu conta da existência do inconsciente e que este muitas vezes se manifestava através da linguagem corporal. Dessa forma, Freud rompia com o modelo cartesiano vigente até então.

O corpo vem sendo novamente muito discutido pelos teóricos da psicanálise após um longo período de esquecimento. Tal retomada de estudos está vinculada às mais novas abordagens em termos da Antropologia, História, Biologia e Sociologia. Na Psicanálise, o corpo passa a ter um estatuto de representante do psiquismo.

Com o foco na exterioridade, o corpo passa a ser fonte de frustração, sofrimento e de impedimento à potência fálico-narcísica, representando, assim, o mal-estar contemporâneo (FERNANDES, 2003).

O fundador da psicanálise sugere que o corpo pode ser afetado pelas vicissitudes decorrentes da mente, sendo assim, ele não seria apenas afetado por causas orgânicas (PERES, 2006).

Ao se distanciar da anatomopatologia, Freud dá credibilidade à questão da representação, separando a histeria do saber médico, embasando-se essencialmente na teoria da sexualidade e na teoria do inconsciente, e na própria atuação da prática psicanalítica (CUKIERT; PRISZKULNIK, 2000). Bastos (1998) complementa essa idéia, dizendo que o corpo anatômico foi importante para o percurso de Freud, pois foi sua insuficiência e sua pesquisa pautada pela prática codificada que impulsionaram o surgimento de um novo conceito: corpo da Psicanálise.

Os *Estudos sobre histeria* realizados por Freud e Breuer em 1895, foram fundamentais para que Freud pudesse constatar que, para o conhecimento do corpo da histérica, seria necessário considerar a forma física do corpo e a representação que este possui no imaginário coletivo (FREUD, 1893-1895).

A partir dos casos estudados por Freud sobre a histeria foi possível a ele perceber que através dos sintomas as histéricas demonstravam algo de si mesmas em seus próprios corpos, expressando o universo psíquico regido pela dinâmica do desejo inconsciente, sendo que este se manifesta a partir de sua representação.

Cukiert e Prizkulnik (2000) apontam que a idéia do corpo representado admite a formulação de uma “anatomia imaginária”, pois os sintomas somáticos produzidos e sofridos

na histeria atingem não somente o corpo em sua estrutura anatômica, física, mas, igualmente, o corpo imaginário.

O corpo representado pela psicanálise a partir do trabalho clínico de Freud com as histéricas é um corpo caracterizado pelo desejo que foge à consciência, ou seja, apresenta-se a nível inconsciente, o que torna evidente uma sexualidade. Esta sexualidade não se limita à unicidade, pois possui uma diversidade de significados acerca da ordem do biológico e da linguagem. Assim, o sujeito apresenta-se como um corpo que se relaciona com sua subjetividade (LAZZARINI; VIANA, 2006).

Ao se embasar nos princípios fundadores da Psicanálise, o estudo da histeria proporcionou o conhecimento do sintoma corporal. Com tal conhecimento, tornou-se inevitável a comparação entre o sintoma corporal na histeria e o sintoma corporal das doenças somáticas. Essa comparação, em princípio, coloca em evidência os fenômenos da conversão e o da somatização, sendo que, o que os diferencia são as vicissitudes da simbolização. Essa diferença, por consequência, traz também a distinção entre as psiconeuroses e as neuroses atuais. Dessa forma, o corpo narra o que mostra, como nas imagens visuais e no discurso do sonho (FERNANDES, 2003).

Freud, ao trabalhar a questão do sonho, segundo Fernandes (2003), permite que esse seja entendido como uma reação, a qual possui o intuito de modificar ou neutralizar os materiais originários latentes. Nessa dinâmica, a nível onírico, a neutralização serve para preservar o sono e, assim, transformá-lo, para que o desejo não apareça a nível consciente. Com isso, o sonho se utiliza da projeção, exteriorizando um processo interno.

Prosseguindo nos princípios trabalhados por Freud, percebe-se que, em 1905, a teoria psicanalítica sofreu um desdobramento com a descoberta da sexualidade infantil, demarcando, assim, a nova denominação do corpo como sendo erógeno.

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud revela a importância do entendimento da sexualidade durante a infância, afirmando que:

[...] Um estudo completo das manifestações sexuais da infância provavelmente revelaria os caracteres essenciais do instinto sexual e nos mostraria o curso do seu desenvolvimento e a maneira pela qual ele se consolida a partir de várias fontes (FREUD, 1905, p.177).

A sexualidade traz ao campo psicanalítico uma nova compreensão acerca da relação que se estabelece entre o “corpo físico” e o “corpo psíquico”, ou seja, como se dá a passagem do registro corporal para o registro psíquico.

O conceito de pulsão surge a partir dessa nova problemática referente ao corpo. Tal conceito apresenta-se entre as delimitações do somático e do psíquico. Conforme citado por

Lazzarini e Viana (2006), o psiquismo é ancorado no corpo através do conceito de pulsão, portanto, a esfera psíquica vai além da ordem da idealidade, estando indissociável do corpo e sendo regida pelas pulsões.

Com o estabelecimento dessa noção, Freud, pôde resolver o antagonismo existente em sua época entre as esferas do psiquismo e o corpo ao inferir que a pulsão é o local de encontro entre tais esferas, complementando ainda que a pulsão constituiria a gênese do indivíduo.

Nos dizeres de Fernandes (1999), a diferenciação entre um corpo libidinal e um corpo anatômico é colocado em ênfase por Freud a partir do conceito de pulsão. Sendo assim, o corpo se apresenta como um recinto que abarca os conflitos pulsionais. Ao considerar o aspecto anatômico do corpo pode-se inferir que sua constituição se dá mediante investimentos libidinais que são mediados pela alteridade.

Retomando os conceitos de neuroses atuais e psiconeuroses, Bastos (1998) pontua que a delimitação de tais quadros clínicos é importante para a compreensão da constituição do corpo em Psicanálise. Para se chegar a essa compreensão, deve ser considerada a forma de organização da excitação sexual, que pode se dar de dois modos diferentes.

O primeiro foi denominado por Freud de neuroses atuais, nas quais o corpo somático não é representado a nível psíquico. Já o segundo, refere-se às psiconeuroses, nas quais a representação do corpo é formada pela ligação que a excitação sexual somática institui no psiquismo, transformando-o em libido.

Com a ascensão do conceito de corpo erógeno, Freud estabelece que a sexualidade seja regida pelo dualismo que ocorre entre o prazer e o desprazer, assim o primeiro é pretendido enquanto o segundo tende a ser evitado (CUKIERT; PRISZKULNIK, 2000).

Freud em 1905 afirma que o corpo é constituído por determinadas partes (orifícios) nas quais as zonas erógenas se estabelecem, definindo-as como:

[...] partes da pele ou da membrana mucosa em que os estímulos de determinada espécie evocam uma sensação de prazer possuidora de uma quantidade particular (FREUD, 1905, p.187-188).

Posteriormente, Freud chega à conclusão que a erogeneidade não se limita apenas a algumas partes do corpo. Sendo assim, apresenta-se em todos os órgãos, estando vulnerável a variações de intensidade.

No texto de Freud sobre Schreber, de 1911, o psicanalista teceu considerações sobre o auto-erotismo, o narcisismo e o amor objetal como sendo os três principais conceitos dentro do desenvolvimento libinal. Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905, Freud

já havia citado o termo auto-erótico, afirmando que este termo diz respeito à satisfação que o sujeito alcança pelo próprio corpo.

De acordo com Lazzarini e Viana (2006), o conceito de narcisismo aparece interligado à problemática do corpo, sendo definido como o estágio de assunção do corpo no qual esse aparece em uma elevação de si mesmo por uma erotização singular.

A satisfação das necessidades origina-se a partir da relação com o objeto materno no início da formação do auto-erotismo. Dessa forma, a perda desse objeto desencadeará a formação do auto-erotismo. Se as necessidades básicas foram atendidas, o indivíduo mais tarde terá condições de buscar o prazer através do seu corpo que se tornou sexuado (FERNANDES, 2002).

A partir do momento que Freud considera o corpo como sendo totalizado e não mais disperso em zonas erógenas, esse passa, então, a possuir o eu em primeiro plano e isso resulta na transgressão do auto-erotismo ao narcisismo. A matéria-prima para a formação do corpo narcísico, para Freud, é o corpo pulsional, no qual a pulsão se apresenta como uma força inalterada (LAZZARINI; VIANA, 2006).

O narcisismo aparece como um estágio fundamental no desenvolvimento libidinal demarcando a passagem na qual a libido passa do auto-erotismo ao amor objetal. Dessa forma, o amor vivenciado pelos próprios sujeitos formaria a ligação necessária para alcançar o amor objetal (FERNANDES, 1999).

De acordo com Fernandes (1999), Freud esclarece que os primeiros objetos sexuais que são destinatários do investimento libidinal foram originados pelos objetos iniciais que demarcaram a conservação do próprio eu. Dessa forma, os primeiros objetos sexuais possuem a função de garantir a conservação do corpo e de promover a sexualidade.

No pensamento freudiano, de acordo com os dizeres de Laplanche (1998 apud LAZZARINI e VIANA, 2006), existe a teoria da sexualidade/autoconservação e a da pulsão de vida/pulsão de morte. Estas duas teorias são complementares, seguindo uma ordem na qual a primeira é reequilibrada pela segunda.

A primeira teoria estabelece que a pulsão é guiada pelo princípio do prazer, o qual pode ser alcançado por meio de objetos presentes na fantasia. Já na segunda teoria proposta, a obtenção do prazer é concretizada através de um objeto real, o que torna irremediavelmente necessário a pulsão do eu (auto-conservação) se desenvolver dentro do princípio de realidade (LAZZARINI; VIANA, 2006).

Segundo Fernandes (1999), Freud vai colocar a auto-conservação emparelhada com a sexualidade, seguindo diretrizes da pulsão de vida, ou seja, de Eros que se apresenta em

contradição com os princípios da pulsão de morte, já que ocorre um dualismo entre tais pulsões.

Conforme analisam Cukiert e Prizskulnik (2000), o corpo está sujeito à influência exposta pela pulsão. O corpo pode vivenciar dores e prazeres, portanto, alterna entre os princípios da pulsão de vida e da pulsão de morte.

Fernandes (2002) acrescenta ainda que a relação entre vida e morte, prazer e dor, circunscrita dentro da metapsicologia, apresenta possibilidades de se pensar um corpo enquanto uma representação e um corpo que se encontra transbordado. Esse último permaneceria abaixo do nível simbólico, demonstrando com isso a impossibilidade de uma representação.

O corpo se constitui em um espaço, uma superfície, que pode abarcar diversas sensações, internas e externas. O eu pode ser compreendido como algo que se estabelece além de uma subjetivação da superfície corporal. Ele representa mais que a emergência do corpo em si mesmo, do que um resultado de uma experiência corporal finalizada (LAZZARINI; VIANA, 2006).

O corpo pode ser eleito como o centro da construção teórica freudiana. É nele que se desenvolve a complexa trama das relações entre o somático e o psíquico. Ele está marcado pela presença das funções orgânicas, pelo atravessamento da pulsão e pela linguagem, sendo essa guiada pela alteridade. Por fim, o corpo deve ser considerado como o lugar adequado para a realização de um desejo inconsciente (FERNANDES, 2003).

1.2 O caso Schreber: qual a origem desse presidente jurista?

Daniel Paul Schreber nasceu em Leipzig no ano de 1842 e morreu aos 69 anos de idade. Tornou-se uma celebridade no mundo todo, especialmente para as pessoas que apreciavam a psiquiatria e especialmente a psicanálise.

Ao publicar o livro *“Memórias de um Doente dos Nervos”*, Schreber trouxe grandes contribuições ao cenário científico que se estende até os dias atuais, possibilitando a produção de várias análises que discutiam e ainda discutem questões sobre sua doença, corpo e condutas sociais.

Para o entendimento da gênese que circunscreve a patologia de Schreber, faz-se necessário analisar o contexto familiar ao qual ele estava inserido.

Segundo Carone (1995), Schreber provinha de uma família de burgueses protestantes. Seu pai, Daniel Gottlieb Moritz Schreber, era médico ortopedista e pedagogo. Na família dos

Schreber, a produção científica estava sempre presente, e através destas, eles buscavam ser reconhecidos por sua “genialidade”. Em geral, os temas abordados nas obras deixadas pela família Schreber pregavam uma doutrina educacional e moral muito rígida, com intuito de exercer um amplo controle sobre todas as esferas da vida, acreditando que estavam agindo para o bem da humanidade.

Segundo Santi (2004), o pai de Schreber pretendia corrigir as más formações da natureza e remediar a inocência e o declínio da sociedade, pois a partir disto poderia ser originado um novo homem, no qual se inscreveria um corpo são e um espírito puro.

Conforme afirma Carone (1995), o pai de Schreber se orgulhava de ter aplicado em seus próprios filhos seus métodos educacionais, dizendo que os resultados obtidos tinham sido excelentes. O que se sabe sobre a infância de Schreber é que ele se submeteu passivamente às técnicas educacionais empreendidas pelo seu pai. Pode-se considerar que ele foi um dedicado aluno, de natureza tranquila, que não demonstrava paixão em suas ações. Possuía um talento próprio que se embasava mais em uma crítica intelectual do que em atividades que requeressem o uso de sua imaginação e criatividade. Sua obra demonstra que ele possuía uma sólida e diversificada formação cultural (CARONE, 1995).

Segundo Carone (1995), o pai de Schreber sofreu um acidente em 1859 quando foi atingido por uma barra de ferro na cabeça, o que lhe acarretou um comprometimento cerebral irreversível, mas morreu três anos após esse incidente. Existe a hipótese de que o acidente tenha sido uma maneira de disfarçar uma possível deterioração mental. Em relação à mãe de Schreber, sabe-se muito pouco. As informações que circulam é que ela era uma mulher completamente dominada pelo marido, com pouco sentimento afetivo e deprimida.

Schreber tinha um irmão que era o mais velho, e três irmãs. Em 1877, o seu irmão se suicidou aos 38 anos de idade. Tal fato ocorreu após o mesmo ter sido nomeado conselheiro do tribunal (CARONE, 1995).

Carone (1995), afirma que com a morte do irmão, Schreber incorpora a responsabilidade de não deixar que a descendência da família seja extinta. Assim, um ano após o fato ocorrido, ele se casa com uma mulher quinze anos mais nova, parecendo ter existido entre ambos um acordo que os favorecesse. Apesar do desejo de ter um filho que levasse o nome da família, Schreber não conseguiu realizá-lo, pois sua esposa teve seis abortos espontâneos.

Schreber era um jurista, funcionário do Ministério da Justiça do Reino da Saxônia. Sua carreira evoluía de maneira rápida. Em 1884, ele foi nomeado para o cargo de vice-presidente do Tribunal Regional de Chemnitz, entretanto, neste mesmo ano, ele se candidatou às eleições

parlamentares pelo partido nacional liberal, sofrendo grande derrota. Posteriormente a este fato ele é internado por seis meses na clínica para doenças nervosas da Universidade de Leipzig, na qual o diretor era o doutor Paul Emil Flechsig, um dos grandes nomes da Psiquiatria Alemã. O diagnóstico inicial era de hipocondria. (CARONE, 1995).

Carone (1995), afirma que durante essa primeira crise, Schreber tinha crises de hipocondria com idéias de emagrecimento, sem qualquer ligação com o sobrenatural. Entretanto, hoje se sabe que o quadro era bem mais grave com manifestações delirantes, em que ele pensava ter emagrecido de quinze a vinte quilos enquanto a balança indicava um aumento de dois, além de duas tentativas de suicídio.

O tratamento ao qual Schreber foi submetido na clínica do doutor Paul Emil Flechsig incluía medicamentos da época, tais como morfina, hidrato de cloro, brometo de potássio e cânfora. Em relação a este tratamento, Schreber já mencionava algumas críticas, dizendo que não o achava adequado, pois o seu caso exigia uma maior atenção e aprofundamento em nível individual (CARONE, 1995).

A segunda crise de Daniel Paul Schreber ocorreu oito anos depois da primeira. No decorrer desses oito anos, o mesmo foi escolhido para assumir um cargo muito elevado, de caráter vitalício e de nomeação irreversível, o de juiz-presidente da Corte de Apelação na cidade de Dresden, atingindo assim o estágio mais proeminente de sua carreira. Antes de assumir o cargo, Schreber teve um sonho no qual a doença nervosa teria retornado e, na manhã seguinte, teve um devaneio com pensamentos de que seria bom ser uma mulher, pois, deste modo, poderia se submeter ao coito. Esse pensamento foi rejeitado por ele, ao nível do seu consciente, por muito tempo. Tais fatos, associados às preocupações de Schreber em atender bem as necessidades do cargo, o levam ao colapso mental. (CARONE, 1995).

Os sintomas apresentados nesse momento são de insônia, angústia intensa e sensibilidade a ruídos. Diante disso, Schreber procura novamente o doutor Flechsig devido à grande estima que por ele nutria. Inicialmente, o doutor tenta tratá-lo em casa, mas o quadro se agrava e Schreber é internado com o diagnóstico de *dementia paranoides*. Nesta fase, o jurista alegava ter a impressão de morte iminente e, em determinado momento, chegou a acreditar que estava morto com o corpo em decomposição. Chegou a relatar que seu pênis havia sido retirado por uma “sonda de nervo”, passando a ficar cada vez mais intensas as fantasias mítico-religiosas (CARONE, 1995).

Carone (1995) cita que após seis meses de internação em Leipzig, Schreber foi transferido para o sanatório de Lindenhof, dirigido pelo doutor Pierson, onde ficou por um

curto período de quinze dias, e em seguida foi transferido sem maiores explicações para o Asilo Sonnensten, permanecendo lá por oito anos e meio.

A estada de Schreber em Sonnensten foi marcada por um estado de agitação, principalmente durante a noite, enquanto durante o dia ele se envolvia com atividades como a leitura, jogos, escrita, etc. Em 1885, mais precisamente no mês de Novembro, ocorreu uma mudança fundamental em relação a sua enfermidade, pois Schreber passa agora a aceitar a sua “transformação de homem em mulher” (CARONE, 1995).

O ano de 1899 é marcado pelo interesse do jurista por sua condição legal, passando a requerer seus direitos enquanto cidadão civil e apontando que seu tratamento se encontrava irregular devido ao fato de estar internado desde 1894 em um estado de inércia. O livro “*Memórias de um doente dos nervos*” foi escrito concomitantemente ao seu trabalho com referência à sua questão legal, sendo que conseguiu sua recuperação de direitos perante à sociedade somente em segunda instância (CARONE, 1995).

De acordo com Carone (1995), a alta de Schreber do Asilo estava permitida desde o final do ano de 1900, porém o jurista preferiu ficar mais dois anos internado lá, alegando que necessitava planejar minuciosamente sua volta à sociedade.

Com a saída de Schreber do Asilo, ele e sua esposa adotam uma menina de treze anos, com a qual ele teve um bom relacionamento, representando para a mesma “uma mãe”.

A terceira e última internação de Schreber ocorreu no ano de 1907, no sanatório de Dösen. Neste mesmo ano, de acordo com Carone (1995), sua mãe faleceu e ele esteve diante novamente de uma situação na qual se sentia pressionado, pois foi procurado por integrantes das Associações Schreber, que eram um grupo que almejava utilizar as idéias do pai de Schreber e solicitaram para tanto que ele reconhecesse a legitimidade de tais associações, prevenindo assim o uso ilegítimo das mesmas. Além desse fato, a esposa do jurista sofreu um derrame que se transformou em uma afasia, a qual durou quatro dias.

Nos dizeres de Carone (1995), os especialistas levantaram duas hipóteses referentes à última internação de Schreber: que essa estaria diretamente relacionada à doença de sua esposa ou ao fato da situação constrangedora que o mesmo vivenciara com a visita dos membros das Associações Schreber.

Daniel Paul Schreber passou treze anos de sua vida em sanatórios psiquiátricos, terminando seus dias demenciado e internado. Ele não correspondeu ao modelo que seu pai possuía de cidadão ilustre. Entretanto, ele atingiu a imortalidade que os Schreber sempre requisitaram (CARONE, 1995).

2. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa realizada seguiu o método psicanalítico, a qual envolveu a leitura da obra “*Memórias de um Doente dos Nervos*”. A análise do corpo de Schreber, através do método psicanalítico, foi realizada como se fosse uma psicanálise das memórias daquele jurista (de uma certa forma, uma psicanálise aplicada). Fez-se um extenso e aprofundado estudo dessas memórias, que podem ser consideradas como testemunhos da vida psíquica de Schreber.

Todo estudo realizado manteve um diálogo constante com a análise feita por Freud do caso Schreber, em seu texto de 1911, intitulado “*Notas Psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides)*”. Além disso, a pesquisa também abordou estudos sobre outros autores que igualmente analisaram o referido caso, como Lacan e Canetti.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A análise de Freud sobre o caso Schreber

Logo no início do texto de Freud (1911), intitulado “*Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides)*”, o mesmo justifica a realização da análise a partir do relato de um paciente com o qual não mantivera relações presenciais. Sendo assim, a análise das memórias ocorreu como se Schreber representasse um paciente comum. Freud afirma que, no caso da paranóia, os acometidos por essa enfermidade só relatam o que querem, assim, não é possível forçá-los a modificarem suas resistências interiores.

Freud, em seus estudos iniciais, não colocou o corpo como objeto primordial de sua pesquisa, mas, a partir da análise do caso Schreber, a compreensão daquele tornou-se essencial para o melhor conhecimento da dinâmica que rege o psiquismo humano.

Freud (1911) considerou que, para se analisar a patologia instalada em Schreber, era fundamental a compreensão das principais partes que constituem os seus delírios. Essas são representadas pelo desejo de Schreber em se transformar em uma mulher (emasculação) e sua relação sobrenatural com Deus. Sendo assim, Freud trabalha exaustivamente sobre esses dois elementos, acrescentando que existe uma junção de ordem genética, ou seja, familiar entre os mesmos.

Dois caminhos são apresentados por Freud (1911) para estudar um caso de paranóia. O primeiro pressuposto considera a fala delirante do próprio paciente como ponto de partida, o

que no caso Schreber torna-se sedutor, já que o mesmo expressa um alto nível de comunicação e inteligência, além de esforçar-se para não confundir o mundo real com o mundo do inconsciente, tarefa que nem sempre foi alcançada pelo mesmo. Quando o paciente expressa em sua fala delirante aspectos relevantes para o entendimento da sua enfermidade, mesmo que de forma acidental, a técnica psicanalítica deve ser empreendida de forma a retirar o sentido negativo da mesma e aceitá-la como sendo real. Já para o segundo pressuposto, inicia-se a análise, considerando as causas que desencadearam a patologia, como a tentativa empreendida por Freud para restaurar o núcleo da estrutura delirante, relacionando-o aos aspectos familiares. Dessa forma, Freud utilizou os dois caminhos por ele propostos.

Segundo Freud (1911), não foi possível encontrar as causas da primeira doença de Schreber, mas ele afirma que esse conhecimento seria fundamental para o melhor entendimento da segunda enfermidade, a qual, por sinal, foi mais grave.

A segunda crise de Schreber foi marcada por sua nomeação para ocupar um cargo de juiz-presidente da Corte de Apelação, por um sonho no qual a antiga doença nervosa havia voltado, e por um pensamento que surgira no momento em que ele não sabia se estava acordado ou se já estava dormindo, o qual ele declarou que rejeitaria caso estivesse consciente. Este último é descrito através do seguinte trecho:

[...] uma vez, de manhã, ainda deitado na cama (não sei mais se meio adormecido ou já desperto), tive uma sensação que me perturbou de maneira mais estranha, quando pensei nela depois, em completo estado de vigília. Era a idéia de que deveria ser realmente bom ser uma mulher e se submeter ao ato do coito – essa idéia era tão alheia a todo meu modo de sentir que, permito-me afirmar, em plena consciência eu a teria rejeitado com tal indignação que do fato, depois de tudo que vive nesse ínterim, não posso afastar a possibilidade que ela me tenha sido inspirada por influências exteriores que estavam em jogo (SCHREBER,1995, p. 54).

Freud (1911), ao considerar os sonhos de Schreber, verificou que quando ele recordava sua enfermidade, simultaneamente a recordação de seu médico tornava-se iminente. Assim, Freud considerou que os desejos femininos presentes nas fantasias do jurista eram destinados ao médico Flechsig, ou pode ser que esta analogia remeta a um anseio de Schreber de querer rever o referido médico. Entretanto, em um momento posterior Freud chega à conclusão de que Schreber realmente possuía impulsos homossexuais dirigidos ao médico, mas por ter lutado contra esses impulsos foi desencadeada a sua patologia, que se manifestou através de sintomas.

Em relação aos impulsos homossexuais designados ao Dr. Flechsig, Freud ainda aponta que o bom relacionamento inicial entre Schreber e seu médico era devido a um processo de transferência, através do qual sentimentos eram transferidos para uma pessoa que

representava um importante papel na vida de Schreber, mas, na realidade, o médico não era tão significativo. Freud foi além desta interpretação ao afirmar que, na realidade, o médico representava o pai ou o irmão de Schreber, e que isto poderia ser explicado através da significação primária.

De acordo com Freud, não foi possível estabelecer o que significava o assassinato de alma, pois suas fontes eram insuficientes devido à censura. Entretanto, uma deixa escapou da censura: os delírios apresentados por Schreber interferiram em sua ligação com Deus sem modificar a sua relação com Flechsig.

Segundo Freud (1911), a patologia de Schreber inicialmente apresentou delírios de perseguição que só foram diminuindo de intensidade quando atingiu o auge de sua enfermidade, ou seja, quando o mesmo conciliou os seus desejos de se transformar em mulher com os propósitos de Deus. Ele ainda afirma que foi o médico Flechsig que instigou os delírios de perseguição do jurista ao longo de sua doença.

É importante ressaltar que, segundo Freud (1911), a emasculação é considerada como o delírio primário, que era para Schreber traduzido numa grave perseguição e injúria. Somente em segunda instância é que o devaneio de se transformar em mulher teria sido relacionado com o papel de redentor. Além disso, no início tal transformação teve por intuito abusos sexuais e não a submissão a altos desígnios, mas, posteriormente, o delírio sexual de perseguição se transformou no psiquismo de Schreber em delírio de cunho religioso.

Para Schreber a emasculação estava ligada aos nervos de Deus, como é citado por ele na seguinte passagem:

[...] à tendência inerente à Ordem do Mundo à *emasculação de* um homem que entrou em contato permanente com raios. Por outro lado, essa questão se relaciona intimamente com a natureza dos nervos de Deus, graças à qual a beatitude (o gozo desta) é, embora não exclusivamente, pelo menos simultaneamente, uma sensação da volúpia extremamente intensa; por outro lado, a questão se relaciona com o plano, evidentemente subjacente à Ordem do Mundo, que consiste na possibilidade de uma renovação no gênero humano [...] (SCHREBER, 1995, p. 64).

Segundo Freud (1911), Schreber tem a impressão de que um grande volume de “nervos femininos” se incorporou ao seu corpo. Por meio desses nervos, o jurista acreditava que uma nova raça iria se originar por meio de fecundação realizada por Deus.

De acordo com Freud (1911), Flechsig e Deus pertenciam, para Schreber, à mesma categoria. Assim, poderiam ser feitas divisões da personalidade para ambos em superior e médio para o primeiro e superior e inferior para o segundo. Tal decomposição é característica do psiquismo das pessoas com paranóia, sendo que essas divisões no caso Schreber têm o mesmo papel que a divisão do perseguidor na figura de Flechsig e de Deus.

Schreber, ao dividir a figura de Deus em dois seres distintos, Deus superior (Ormuzd) e o Deus inferior (Arimã), considerou que esses agiam de maneiras diferentes sobre ele e sua doença. Tal distinção foi mencionada em relação ao Deus superior estar ligado aos povos de raça loura (arianos) e o Deus inferior estar ligado aos povos de raça escura (ou semitas).

Em suas memórias, Schreber descreve que Deus teria uma relação mais próxima com as pessoas já falecidas, e que, portanto, ele não sabia muito sobre os indivíduos vivos. Deus interferiria na Ordem do Mundo, e entraria em contato com alguns indivíduos dotados apenas em alguns casos particulares, como o do próprio Schreber, que acreditava manter uma relação privilegiada com Deus.

Para Freud (1911) qualquer estudo fomentado pelo caso Schreber deve analisar quais concepções de Deus o jurista havia desenvolvido ao longo de sua enfermidade. No prontuário médico de Schreber estava declarado que o mesmo possuía fantasia de Redentor (filho de Deus e salvador do mundo). Por essa razão, foi necessário levar em consideração as particularidades da relação entre Deus e Schreber, na qual o jurista acreditava possuir uma atração em relação aos raios de Deus, se distinguindo, assim, dos demais seres humanos.

Em relação às mudanças ocorridas durante a enfermidade de Schreber, Freud (1911) afirma que, antes dela, o jurista tendia ao ascetismo sexual e não acreditava em Deus, mas após a patologia ele passou a acreditar em Deus e ser devoto da voluptuosidade. Mas deve-se considerar que a fé adquirida era de cunho peculiar, tal como a fruição sexual que ele atingiu em si mesmo, a qual era de caráter raro. Assim, Schreber apresentou sentimentos sexuais de uma mulher e assumiu uma posição feminina que se relacionava com Deus. Tornara-se ele a “esposa de Deus”.

Nas memórias de Schreber o Sol apareceu em estreita relação com o jurista, sendo que este se comunicava com o astro através de uma linguagem humana, o que faz pensar que o Sol se apresentava em um estágio humano ou era um órgão de um ser superior. Schreber identifica no Sol a figura de Deus, que pode se modificar entre superior e inferior. Assim, a interpretação de Freud é facilitada e o mesmo afirma que o Sol é um símbolo sublimado da figura paterna.

Em relação à terceira crise de Schreber, Freud não analisou em separado esta fase, pois considerou que o sistema causal seria o mesmo durante toda a patologia.

Conforme as interpretações de Freud (1911), as características proeminentes da paranóia, especialmente nos seres masculinos, são as desconsiderações sociais e humilhações. Porém, se essas características forem analisadas mais intimamente, pode-se verificar que grande parte dos fatores que residem nas afrontas sociais são representados por elementos

homossexuais presentes na vida emocional. Ao se tratar da paranóia, considerando seus sintomas de delírios, percebe-se que esses possuem uma etiologia calcada em desejos eróticos sensuais.

Freud (1911) acrescenta que a psicanálise contribuiu para a formação de novas concepções que auxiliam a compreensão da função do desejo homossexual relacionado à paranóia. Tais concepções reforçam o papel da libido e sua passagem do estado de auto-erotismo ao amor objetual, mediante a fase narcísica. O indivíduo é marcado por uma fase em que desenvolve seus instintos sexuais através de atividades auto-eróticas. A progressão desta fase é alcançada quando o indivíduo se remete ao seu próprio corpo como um objeto amoroso, e apenas após a superação desta etapa é que o mesmo consegue eleger outra pessoa para ser seu objeto amoroso.

Porém, algumas pessoas demoram muito tempo a progredir de uma fase a outra e muitas de suas características podem ser transportadas para etapas futuras do seu desenvolvimento, o que pode acarretar a escolha de um objeto homossexual, conforme explicita a seguinte passagem de Freud :

[...] De importância principal no eu (*self*) do sujeito assim escolhido como objeto amoroso já podem ser os órgãos genitais. A linha do desenvolvimento, então, conduz à escolha de um objeto externo com órgãos genitais semelhantes - isto é, a uma escolha objetual homossexual - e daí ao heterossexualismo. As pessoas que se tornam homossexuais manifestas mais tarde, nunca se emanciparam, pode-se presumir, da condição obrigatória de que o objeto de escolha deve possuir órgão genitais como os seus [...] (FREUD, 1911, p. 83).

No caso de Schreber, que chegou a se casar com uma pessoa do sexo oposto, Freud (1911) enfatiza ainda que o fato da escolha do objeto heterossexual ter sido atingida não extingue as tendências homossexuais e nem as interrompem. Essas são afastadas de seu objeto sexual original e passam a ter novas funções. No entanto, o autor ressalta que, ao considerar que a etiologia paranóica se fundamenta nos desejos e fantasias homossexuais, a confirmação dessa proposição pode estar restringida a somente um tipo de paranóia observada nos seres humanos.

Nos dizeres de Freud (1911), as pessoas que não passaram à fase do narcisismo de forma plena possuem um ponto de fixação que poderá servir como uma fonte para uma patologia posterior, pois a libido em alta intensidade que não encontra um escoadouro poderá vir a desencadear uma sexualização de seus instintos de ordem social e perder as sublimações até então realizadas.

Segundo as análises de Freud (1911), o ponto mais vulnerável no desenvolvimento dos paranóicos provavelmente se encontra entre os estados de auto-erotismo, narcisismo e homossexualismo, o qual poderá ou não acarretar uma intensificação da patologia.

Freud, ao defender seu ponto de vista sobre a essência do conflito, diz que:

[...] o que jaz no cerne do conflito, nos casos de paranóia entre indivíduos do sexo masculino, é uma fantasia de desejo homossexual de amar um homem, certamente não esqueceremos que a confirmação de hipóteses tão importante só pode decorrer da investigação de um grande número de exemplos de toda espécie de distúrbios paranóides [...] (FREUD, 1911, p. 85).

Assim, Freud alerta sobre a necessidade de se analisar profundamente cada caso referente à paranóia e ainda examinar outros casos semelhantes que possam vir a ser confundidos com tal patologia.

Sobre os mecanismos presentes na paranóia, Freud (1911), aponta que a projeção é a característica mais significativa na construção dos sintomas paranóicos. Esse mecanismo ocorre quando uma percepção interna é suprimida, sendo que o seu conteúdo sofre modificações e retorna à consciência através de percepções externas. Além disso, para Freud, é importante ressaltar que a projeção não exerce a mesma função em todas as formas de paranóia e também não é a ela restrita.

De acordo com Freud (1911), a projeção não é o único mecanismo da paranóia, pois a repressão também está presente. Essa ocorre por um desligamento da libido em relação aos outros indivíduos ou objetos que antes eram significativos e dignos de amor (catexia libidinal). Para que ocorra um processo de restabelecimento, a projeção retorna a libido para as pessoas e objetos que ela havia abandonado, como o fez Schreber ao projetar seu sentimento interno de catástrofe em seus delírios sobre o fim do mundo.

Em 1911, Freud, ao finalizar seu texto “*Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides)*”, diz que toda a sua análise dependerá de posteriores estudos que determinarão se existiram mais delírios na sua teoria apresentada ou se houve mais veracidade nos delírios de Schreber, e o que as pessoas estavam preparadas para assumir.

Freud, então, admite que não poderia ainda concluir sua análise, pois sabia que esta fazia parte de um conjunto maior de estudos. Marcou-se explicitamente, assim, a necessidade de maiores investigações acerca da paranóia, suas ligações com o corpo, e em especial o corpo de Schreber.

3.2 A visão de Lacan sobre o caso Schreber

Ao se analisar as obras de Freud e Lacan, percebe-se que os mesmos fizeram um movimento contrário, pois o primeiro partiu da neurose, enquanto o segundo partiu da psicose em suas fundamentações teóricas (CORIAT; PISANI, 2001).

O caso Schreber foi de extrema importância para os estudos de Lacan sobre a psicose. Segundo Coriat e Pisani (2001), ele se baseou neste caso e na análise de Freud também sobre o mesmo, para construir sua teoria sobre a psicose. Além disso, Lacan, a partir das afirmações schreberianas encontrou subsídios para sua teoria da função simbólica.

Para Lacan dois princípios foram fundamentais na análise do caso Schreber: a linguagem e o lugar da forclusão (CORIAT; PISANI, 2001). Tais princípios necessitam ser trabalhados de modo aprofundado para que se possa compreender a importância dos mesmos na teorização de Lacan sobre a psicose.

No seminário III, intitulado “*As Psicoses*” (1998) Lacan trabalha a importância da linguagem nos fenômenos psicóticos, utilizando-se do caso Schreber para tal compreensão.

Nos dizeres de Lacan (1998), para se penetrar na economia do jurista é primordial dar crédito à fala do mesmo, analisando, primeiramente os fenômenos verbais para em seguida associá-los com a libido.

A leitura das memórias de Schreber deixa claro que ele dá grande importância à fala. A linguagem está por toda parte e muitas vezes representa o seu sofrimento, sempre se mantendo, pois a mesma é um meio de o jurista se ligar a uma forma de realidade (CORIAT ; PISANI, 2001).

Segundo Coriat e Pisani (2001), Schreber se depara constantemente com fenômenos da fala. Como exemplo disso, pode-se citar o que o jurista denominou de “língua fundamental”. Essa está relacionada à estrutura de seus delírios, ela se apresenta de várias formas: representando verdades absolutas, repetindo exaustivamente algumas idéias e às vezes deixando-as inacabadas.

Para Lacan, inevitavelmente o psicanalista se deparará com a linguagem em sua prática:

É um fato que só pode existir para nós, porque diferentemente dos outros clínicos, sabemos que a fala está sempre ali, articulada ou não, presente, no estado articulado, já historicizado, já presa na rede dos pares e das oposições simbólicas (LACAN, 1998, p. 131).

O delírio, assim como o discurso, deve ser analisado a partir da delimitação de uma área de significação que arranhou certo significante. Assim, Lacan indicava que o paciente em análise deveria falar livremente. Foi o que aconteceu no caso de Schreber, já que o mesmo teve todo o tempo para relatar seus delírios e alucinações em suas memórias (LACAN, 1998).

Segundo Lacan (1998), o discurso de uma pessoa com psicose é expresso pelo delírio. Esse mostra a relação que o indivíduo estabelece no registro no qual se desenvolvem e se organizam as manifestações do inconsciente.

O inconsciente, para Lacan (1998), é definido como o discurso do outro, é um monólogo supostamente interior que está em constante relação com o diálogo exterior. Na psicose, o discurso interior é revelado.

No caso de Schreber, ele mantém um constante discurso com Deus e, quando essa comunicação é interrompida, ele se sente em um total vazio, pois sem o outro ele perde o sentido de ser. Isso demonstra a importância do discurso do outro (CORIAT; PISANI, 2001).

É importante ressaltar também que, para Lacan (1998), a linguagem opera completamente na ambiguidade. A mesma possui um caráter fictício, sendo que as pessoas delegam ao outro sentimentos que têm significados para elas e dos quais sabem dar respostas. Assim, no campo do significante, é impossível que uma mesma palavra represente contradição, porém, no campo da significação é plausível que tal fato ocorra.

Como mencionado anteriormente, além do princípio da linguagem, Lacan utilizou a forclusão do significante do Nome do Pai para explicar a psicose.

De acordo com Lacan (1999), a forclusão do significante do Nome do Pai é a não inscrição simbólica desse significante que representa o pai simbólico. Ou seja, a falta da metáfora paterna e a extinção da lei simbólica intermediada pelo Nome do Pai fazem com que a experiência da castração não seja bem sucedida.

Lacan (1999) ressalta a importância da compreensão da falta do significante do Nome do Pai no funcionamento da psicose. Tal significante está ligado ao estabelecimento da lei (lei de Édipo ou complexo de Édipo), sendo essa primordial no interior do Outro. Na psicose, o indivíduo necessita suprir a ausência do Nome do Pai. Assim, em torno disso ocorrem todas as reações em cadeia produzidas na psicose.

A não inscrição simbólica do significante do Nome do Pai faz com que o indivíduo atue necessariamente no real. Portanto, retorna no real o que foi foracluído no simbólico.

Ao analisar o caso de Schreber, percebe-se que ele não sabe dar conta de sua posição. Uma vez que o campo simbólico foi extinto, o jurista não teve a oportunidade de integrar-se ao mesmo, que é o responsável pelo enquadramento da posição de homem e mulher (CORIAT; PISANI, 2001).

De acordo com Coutinho (2005), a figura de Flechsig representa um pai real e impostor para Schreber. Tal fato, ligado a todas as vezes que o jurista foi convocado a assumir

uma posição parecida com a função paterna, fez com que ele se deparasse com a falta do registro simbólico do Nome do Pai, não lhe restando outra saída a não ser a enfermidade.

Ao realizar uma releitura de Freud, Lacan propõe uma visão psicanalítica alternativa para o entendimento da psicose e, mais especificamente, do caso Schreber. Os princípios da linguagem e da forclusão do significante do Nome do Pai são conceitos fundamentais a tal compreensão.

3.3 Como Canetti interpretou o caso Schreber?

Elias Canetti foi outro autor que interpretou o caso Schreber a partir de suas memórias. Tal desdobramento encontra-se em seu livro “*Massa e poder*”, de 1995, no qual se apresenta uma visão alternativa em relação àquelas propostas por estudiosos da Psicanálise.

Canetti (1995) destaca em seu texto os traços mais significativos do sistema psíquico de Schreber, pois, através da análise do mesmo, é possível chegar próximo da natureza de um estado paranóico.

Ao enfatizar a seguinte frase de Schreber “Sou afinal apenas um ser humano”, o autor de “*Massa e Poder*” chega à conclusão que Schreber se considera um humano diferente dos demais, ou seja, ele se diferencia da “massa do povo”. Canetti (1995) enfatiza também que a eternidade para Schreber significa mais do que para os homens comuns e que o presidente jurista sente-se seduzido pela grandeza do espaço requerendo para ele igual magnitude.

Segundo Canetti (1995), não é o processo do crescimento que importa a Schreber, mas, sim, um distender-se, ou seja, um processo de ampliação do poder. Tal fato se evidencia quando Schreber trata o seu corpo como se esse fosse um corpo celeste que possui uma posição privilegiada no sistema planetário (posição para a eternidade).

Para Canetti (1995) a posição que Schreber assume é a mesma observada nos casos de paranóia, ou seja, a “posição do paranóico” é a de defender-se e garantir um status de poder elevado.

Canetti explica minuciosamente dois temas muito presentes nas memórias de Schreber: alma e nervos. Para Schreber o homem é corpo e alma ao mesmo tempo, sendo que, quando esse morre, o que resta são os nervos, melhor dizendo, a alma. Deus é apenas alma, assim, seus nervos são ilimitados, eternos e podem se transformar em raios que exercem uma forte atração com os nervos dos vivos; se ocorrer uma aproximação entre ambos, a existência de Deus pode estar ameaçada, ou melhor, seu poder, o que faz com que Deus se mantenha afastado.

Um contato mais próximo com as almas humanas só ocorreria após a morte (cadáveres inativos, prontos para serem dominados). O destino das almas após a morte era passar por um processo de purificação e assim poderem ser anexadas aos nervos de Deus, se transformando em vestíbulos do céu (massa dominada).

Em relação a Deus, Canetti (1995) aponta como Schreber o concebia. Deus desconhecia a natureza humana e o eterno amor divino enfatizado por algumas religiões, pois Ele o sentia somente pela criação como um todo. Assim, o Deus de Schreber não possuía a perfeição absoluta pregada por algumas religiões. Tal particularidade de sua personalidade permitia que ele conspirasse contra homens inocentes, o que se associa com a paranóia de Schreber.

Uma forma de conspiração é o “assassinato de alma”, que está diretamente relacionado à figura do médico Flechsig, pois o mesmo assumiu, durante a segunda crise de Schreber, dimensões perigosas no espírito do presidente jurista. Canetti (1995) diz que Schreber como presidente possuía poder sobre outras pessoas, ele então, odiava Flechsig por ter ficado um ano sob o seu poder (primeira crise) e estar novamente na mesma situação (segunda crise). Assim, Schreber estava certo de que o médico estava assassinando ou lhe roubando a alma.

Canetti (1995) explica o significado dos complôs para os paranóicos. Segundo o autor, as conjuras ou conspirações estão no cerne da doença dos paranóicos e eles se sentem sempre cercados.

Em relação a Schreber, Canetti (1995) diz que, para ele, a principal meta de seus inimigos era a destruição de seu juízo, o que se daria através da insônia provocando-lhe um colapso mental. Para que tal objetivo fosse atingido, raios foram lançados contra ele. No início, esses raios provinham de Flechsig e posteriormente das almas dos mortos que ainda não tinham sido purificadas, “almas provadas”. Deus participou ativamente da invasão dos raios em Schreber, os quais passaram a falar com o jurista, sendo que apenas ele poderia ouvir. Além disso, ele não possuía o poder de fazer com que elas parassem, ou seja, Schreber estava sob o domínio delas.

Canetti (1995) explica o caráter de massa que ocorre no sistema planetário criado por Schreber. O espaço sideral está habitado de almas dos mortos até a estrela mais remota, cada uma tem seu próprio lugar, sendo que Schreber torna-se o centro delas, exercendo uma atração irresistível sobre as mesmas. As almas, que podem representar o povo na qualidade de massa, junto de Schreber, que pode ser concebido como um líder, se tornam menores, pois o jurista possui um poder irremediavelmente maior, tendo assim, um efeito aniquilador sobre as

mesmas. O propósito das almas era de arruinar o jurista, porém ele cresceu em função desse perigo.

Canetti (1995) relaciona Schreber a um Xamã, na medida em que ambos possuem conhecimentos sobre os espíritos e podem entrar em contato com os mesmos. Porém, Schreber se diferencia de um Xamã porque nele os espíritos dissolvem-se por completo e desaparecem e nos Xamãs os espíritos conservam sua existência.

Para Canetti (1995), o delírio de Schreber, sob o disfarce de uma velha concepção de mundo que pressupõe a existência de espíritos, é, na realidade, o modelo fiel do poder político, o qual se alimenta e constitui a massa. Por exemplo, para dominar uma nação é necessário que o líder aja e pense como se fosse o povo, ou melhor, como se esse não existisse ou estivesse incorporado ao primeiro.

O sentimento do catastrófico que acompanha Schreber também foi trabalhado no texto de Canetti. Para o jurista, a humanidade sucumbira, figuras humanas com as quais ele tinha contato eram consideradas como meras aparências, “homens feitos às pressas”. Essa crença engendrou todas as visões do fim do mundo. De diferentes formas, o jurista criava o quadro de como se dera o fim da humanidade, como por exemplo, através da peste ou lepra. Schreber foi salvo dessas epidemias por raios, assim existiam os raios que ferem e os raios que abençoam.

A destruição da humanidade não ocorreu contra a vontade de Schreber, todas as pessoas foram aniquiladas por que alguém o contrariou. Para Canetti (1995), isso revela não apenas um paranóico, mas também uma profunda tendência de todo detentor do poder “ideal”, ou seja, ser o derradeiro ser vivo.

Para Canetti (1995), encontra-se em Schreber um sistema político que se torna familiar. Deus nada mais é do que um detentor do poder, assim como se pode encontrar nas figuras de diferentes líderes, em diversas épocas e no próprio corpo de Schreber.

O corpo de Schreber representa um campo de batalha, no qual ocorrem lutas pelo poder. Forças agem sobre seu corpo independente de sua vontade. Assim, o núcleo da paranóia de Schreber é político. Lutas de propósitos diferentes, como econômicas, sociais, históricas e raciais, ocorrem em seu corpo.

Canetti (1995) cita ainda a ocorrência do primeiro julgamento divino, início conturbado da doença de Schreber, que tem cunho essencialmente político, pois suas visões tratam do avanço do catolicismo, do judaísmo e do escravismo, em busca de maior poder e por consequência maior soberania. Isso contrariava Schreber como sendo o detentor de poder, pois, o paranóico está sempre alerta sobre o movimento das massas.

Canetti (1995) afirma que, em relação ao futuro, Schreber o representava como sendo detentor do poder, o que ocorria também no presente, sendo o delírio paranóico de Schreber regido irrevogavelmente por elementos religiosos e políticos, os quais não se podem separar. Dessa forma, a paranóia caracteriza-se como uma “doença do poder”.

Canetti (1995) considerou um equívoco a interpretação de alguns autores de que o caso Schreber e mais propriamente a paranóia estavam relacionados a disposições homossexuais recalcadas, pois, para o autor de “Massa e Poder”, o mais importante é analisar a estrutura e o conteúdo do delírio, que está diretamente e irremediavelmente relacionado ao poder, ou melhor, às lutas de poder.

Canetti (1995) ainda afirma que a idéia da emasculação, no delírio de Schreber, representa uma forma de conspiração contra ele, pois o mesmo poderia ser submetido a ações desprezíveis, como abusos sexuais e abandono. De certa forma, Schreber utilizou essa conspiração a seu favor, pois, ao se transformar em mulher, o jurista tinha a intenção de desarmar Deus. Ou seja, ao se tornar um ser de sujeição e adulação a Deus, ele poderia chegar mais perto do mesmo e, através de artimanhas, subjugar-lo.

Segundo Canetti (1995), todas as conspirações contra Schreber, como a emasculação e a tentativa de destruir o seu juízo por meio da “coação a pensar”, foram combatidas veementemente pelo jurista, sendo que, para ele, o mais importante para manter a conservação de seu juízo era a inviolabilidade das palavras.

De acordo com Canetti (1995), a palavra é de extrema importância para o paranóico, pois por meio dela ele pretende adquirir o mundo em sua plenitude, as mesmas passam a ser concretas. Nos delírios de Schreber até mesmo animais, objetos e plantas possuem o dom da palavra, que é muitas vezes utilizada contra o seu juízo.

Canetti (1995) aponta a fundamentação e o desmascaramento como fenômenos importantes na paranóia. O pressuposto básico do primeiro é sempre buscar os motivos de todos os acontecimentos. Com isso, é possível criar e controlar uma cadeia de razão singular. Já no segundo ocorre uma atrofia da metamorfose, de modo que até mesmo o diverso é visto pelo paranóico como o mesmo. Toda vez que ele retira uma “máscara” ele reencontra o seu inimigo.

Para Canetti (1995), a “situação primordial da paranóia” consiste em o paranóico perceber perigo em tudo e em todos a sua volta, como se estivesse cercado por uma “malta de inimigos”. Nos delírios de Schreber, Flechsig, que era seu principal inimigo, utilizava-se do fenômeno de “partição de almas”. Tal fenômeno permitia que a alma do médico fosse dividida

em várias partes, proporcionando, assim, que ele se estendesse, ou seja, que seu poder fosse ampliado.

Flechsig não era o único a ter poder sobre os fenômenos das almas. Acima dele estava Deus, o qual era o responsável pela “política das almas”. A relação que o jurista tinha com Deus era ambígua, pois mesmo se sentindo vítima das intenções divinas, Schreber chegou a experimentar a onipotência de Deus ao sentir o esplendor do mesmo em seu próprio corpo.

O que se torna mais relevante para a compreensão da análise realizada por Canetti sobre o caso Schreber é a relação que foi estabelecida entre paranóia e poder:

[...] por trás de toda paranóia, bem como de todo poder, encontra-se uma mesma e profunda tendência: o desejo de afastar os outros do caminho, a fim de ser o único [...] (CANETTI, p. 462, 1995).

3.4 Análise do caso Schreber a partir de suas memórias

A partir da leitura da obra de Schreber e do conhecimento dos conceitos psicanalíticos, pode-se apresentar algumas hipóteses sobre alguns pontos fundamentais relacionados à dinâmica da patologia do presidente jurista.

Já no início do relato das memórias de Schreber, pode-se perceber a exaltação que ele faz de sua própria pessoa, de sua postura narcisista frente ao mundo. Suas memórias não podem ser confundidas com outras. Essas devem ser valorizadas por terem o nobre intuito de possibilitar aos profissionais da ciência o estudo sobre o seu corpo e a dinâmica de sua vida. Além disso, a partir de suas memórias, as pessoas, ou melhor, “os homens feitos às pressas” terão a possibilidade de entrar em contato com verdades religiosas conhecidas e vivenciadas apenas por ele.

É de importância primordial para Schreber que os leitores acreditem em seus relatos, com tal intensidade que ele, ao final de uma carta endereçada a Flechsig, pede ao mesmo para confirmar alguns acontecimentos de conhecimento de ambos. Pode-se perceber que Schreber acreditava fielmente em seus delírios e alucinações, pois esses eram as “verdades” inevitáveis ao seu modo singular de estar no mundo.

Entretanto, o jurista admite não ter uma certeza inabalável sobre os seus relatos, mas acredita fielmente que ele chegou infinitamente mais perto da verdade do que os demais mortais que não tiveram contato com as revelações divinas, o que revela o seu funcionamento narcísico.

Nos relatos de Schreber pode-se encontrar os aspectos fundamentais para o entendimento de sua patologia (paranóia), tais como sua relação especial com Deus, que vai contra a Ordem do Mundo, e sua transformação em mulher (emasculação).

A emasculação se diferencia da musculação pelo pré-fixo “e”, que pode ser interpretado como ausência de enrijecimento. No ato sexual, a figura masculina está relacionada à ação do enrijecimento dos músculos do órgão sexual. Já na mulher, a postura diante do ato sexual está relacionada ao relaxamento do seu órgão genital.

Pode-se perceber que Schreber faz uma ligação entre o pensamento de se transformar em mulher e as influências externas que podem estar relacionadas à sua estreita relação com Deus, pois ele infere que a emasculação está em contato constante com os raios.

Os raios se referem ao Sol que representa Deus, e que, por consequência, simbolizam a figura paterna. Portanto, apreende-se que houve uma ligação entre a idéia de transformar-se em mulher com o papel paterno.

Ao analisar a relação entre a figura de Deus e o pai de Schreber, percebe-se que o primeiro é uma projeção do segundo realizada pelo presidente jurista. Essa projeção é uma reação ao desejo inconsciente (de se transformar em mulher) que provêm do Inconsciente e que emerge no Ego, sendo suprimido pelo Super-Ego. Assim, o Ego se utiliza do mecanismo de defesa (projeção) para não sucumbir.

A idéia de se transformar em mulher ocorreu enquanto Schreber estava em estado de vigília. Schreber relata, principalmente nos primeiros capítulos, a sua dificuldade de dormir, sendo ministradas a ele fortes drogas para sedá-lo e, no entanto, muitas vezes elas não tinham o efeito esperado.

A partir dos fatos mencionados acima, apreende-se que o onírico desenvolve um papel importante na dinâmica patológica de Schreber, pois os conteúdos dos sonhos estão estritamente relacionados à emasculação, como se o funcionamento psíquico do mesmo seguisse a seguinte lógica: “não posso dormir, pois, se isso acontecer, me tornarei mulher e serei fecundado pelos raios divinos”.

O sono e, mais precisamente, o sonho, podem ser considerados como instrumentos de uma abordagem que possibilita um entendimento metapsicológico de como o inconsciente se relaciona com o corpo. Assim, através do onírico, Schreber pode “vivenciar” seu desejo inconsciente de se transformar em mulher e ser fecundado pelos raios fálicos de Deus, o que não seria possível a nível consciente.

Schreber desenvolve em suas memórias a idéia de Judeu Errante, esse se tornaria emasculado para poder ser fecundado. A partir dessa fecundação por meio dos raios (fálicos)

de Deus iria surgir uma nova raça. Schreber provinha de uma família de burgueses protestantes que prezavam os bons costumes e os preceitos morais e religiosos da alta sociedade. Assim, ele não aceitaria outra condição que não fosse a de dar origem a uma raça pura, seguindo a linha de pensamento de seu pai.

Ao analisar a família do presidente jurista, constata-se que sua esposa sofreu seis abortos e, em consequência disso, não conseguiu dar um filho a ele. Como seu irmão suicidou-se ainda jovem, Schreber se sentia na obrigação de dar prosseguimento a sua família e alcançar a notoriedade tanto almejada pelo seu pai. O desejo de Schreber em dar continuidade à família pode ter sido um dos impulsos aos desejos homossexuais posteriormente desenvolvidos por ele.

Atualmente se sabe que a mãe de Schreber era pouco afetiva com o filho e submissa ao marido, que era extremamente doutrinário e controlador. Como as primeiras relações objetais acontecem por meio dos progenitores-cuidadores, pode-se inferir que as primeiras relações objetais de Schreber não se concretizaram em sua completude, o que fez com que este não investisse a sua libido na figura do outro e, em consequência, acabasse por investi-la em si mesmo.

Ainda em relação ao período inicial da vida de Schreber pode-se considerar que ele teve uma experiência insatisfatória em relação à passagem do complexo de Édipo, visto que o esperado nesse período é que em primeiro momento o menino deseje a mãe e veja o pai como “objeto odiado” por considerá-lo como sendo seu rival, mas, posteriormente, o veja também como “objeto amado”, idealizado, e se identifique com este. No caso de Schreber pode-se supor que ele não tenha se identificado com seu pai, o que pode ser considerado o cerne para os desejos de sua transformação em mulher.

Sobre os delírios relacionados ao Dr. Flechsig que estão ligados ao desejo de se transformar em mulher, pode-se inferir que o médico se tornou a materialização dos desejos homossexuais de Schreber. Além disso, entende-se também que a figura de Flechsig é uma projeção do pai do presidente jurista.

Schreber atribuía as vozes por ele ouvidas primeiramente ao médico, que também tinha a responsabilidade pelo assassinato de alma. Mas depois ele supôs que talvez em gerações passadas pudesse ter ocorrido um assassinato de alma entre as famílias Schreber e Flechsig. Além disso, disse que estava certo que durante o período mais intenso de sua enfermidade alguém tentou realizar o assassinato de alma, porém não obteve sucesso. Dessa forma, apreende-se que o assassinato de alma pode ter sido realizado pelo pai de Schreber, pai

esse que era castrador, mas como seu pai não estava mais presente, Schreber elege Flechsig para projetar a figura paterna.

Com o início dos delírios, Schreber acreditava que Deus lhe perseguia, mas, posteriormente ele passa a reconciliar-se com o mesmo, ligando o seu desejo de se transformar em mulher a uma intenção divina, afirmando que o próprio Deus exigia dele a feminilidade e através desta a obtenção de voluptuosidade espiritual. Além disso, Deus ameaçava retirar-lhe seus raios caso ele não fizesse o que o mesmo exigia, ou seja, Deus representava uma figura castradora, assim como seu pai.

Deus, nos delírios de Schreber, entrava em contato somente com alguns indivíduos dotados em alguns casos particulares, como o do próprio Schreber, que acreditava manter uma relação privilegiada e sobrenatural com Deus. A interferência de Deus na Ordem do Mundo se faz necessária pelo fato da fertilidade ser concedida apenas às mulheres. Assim, Schreber não poderia ser fecundado por Deus (onipotente) se esse não realizasse o “milagre” de transformá-lo em mulher, mudando, dessa forma, a Ordem do Mundo.

A maioria dos delírios e alucinações de Schreber caracteriza um estado paranóico, o que é evidenciado através de delírios de perseguição (Flechsig e Deus estão conspirando contra ele), de missão especial (dar origem a uma nova raça pura) e de transformação corporal (emasculação, que propiciaria a fecundação por raios divinos).

Atualmente, nos manuais de classificação dos transtornos mentais, o caso de Schreber poderia ser diagnosticado como esquizofrenia do tipo paranóide (DSM-IV) ou esquizofrenia paranóide (CID-10) (KAPLAN E SADOCK, 2007).

Ao analisar a trajetória de internações de Schreber, percebe-se que sempre que ele se deparava com um momento de decisão ou de ter que assumir um cargo de prestígio, o mesmo não suportava tal pressão e entrava em crise, o que o levava à internação.

A partir de tais constatações, pode-se inferir que Schreber tinha grandes dificuldades de assumir um papel de autoridade, ou seja, de assumir o *fallus*. O *fallus* pode ser representado simbolicamente pelo pênis, assim o presidente jurista não consegue assumir o seu pênis. Para resolver essa situação, Schreber necessita que o seu órgão sexual seja transformado (invaginado) simbolicamente, para que o mesmo possa admitir conscientemente os seus desejos inconscientes de se transformar em mulher, e a partir dessa modificação poder gerar uma nova raça.

4. CONCLUSÃO

O método psicanalítico e, por consequência, a clínica psicanalítica surgem a partir da constante instigação e inquietação de Freud em relação ao corpo. Portanto, o corpo para a psicanálise torna-se um elemento fundamental para o entendimento do psiquismo humano.

O caso Schreber analisado por Freud trouxe a ele importantes contribuições acerca da temática do corpo e como esse atua como um representante do psiquismo.

Diante de tal fato, o “paciente” Schreber foi amplamente analisado por estudiosos, como Canetti e Lacan, e continua despertando interesses até os dias atuais, contribuindo para reafirmar, ampliar e modificar conceitos relativos ao corpo e ao psiquismo, ou seja, Schreber se eternizou como o “paciente” que se configura como uma fonte inesgotável de análise.

Com a análise do caso Schreber, Freud intensificou e ampliou seu trabalho sobre a temática do corpo, utilizando para isso a teoria da libido, o narcisismo, e a paranóia. Lacan encontrou nesse caso subsídios para sua teoria das psicoses, associando o delírio à linguagem, ou seja, ao inconsciente e destacando o mecanismo da forclusão do Nome-do-Pai como um princípio fundador da psicose.

Já Canetti, ao analisar as memórias de Schreber, encontrou nas mesmas fundamentos para relacionar o estado paranóico ao poder, sendo o corpo configurado como um campo de batalha. Outros conceitos psicanalíticos, na visão dos autores do presente artigo, surgem ao se analisar o “paciente” Schreber, como o complexo de Édipo e o onírico representado pelos sonhos.

Com isso, percebe-se que a partir da análise de Freud sobre o caso Schreber, esse se configurou como uma fonte dinâmica e privilegiada ao estudo das relações que se estabelecem entre o psiquismo e o corpo, como na paranóia, sendo a Psicanálise uma das vertentes que se propõe constantemente a tal estudo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, L. A. M. *Eu-corpendo: o ego e o corpo em Freud*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

CANETTI, E. *Massa e Poder*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

CARONE, M. Da loucura de prestígio ao prestígio da loucura. In: SCHREBER, D.P. *Memórias de um doente dos nervos*. 3. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

CORIAT, A.; PISANI, C. Um caso de S. Freud: Schreber ou a paranóia. In: NASIO, J-D. *Os grandes casos de psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

COUTINHO, A. H. S. A. Schreber e as psicoses na Psiquiatria e na Psicanálise: uma breve leitura. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 27, n. 52, p. 51-61, 2005.

CUKIERT, M.; PRISZULNIK, L. O corpo em psicanálise: algumas considerações. *Psychê*, São Paulo, ano 4, n.5, p. 53-63, 2000.

FERNANDES, M. H. A Hipocondria do sonho e o silêncio dos órgãos: o corpo na clínica psicanalítica. *Percorso*, São Paulo, n.23, p. 43-52, 1999.

FERNANDES, M. H. *Corpo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

FERNANDES, M. H. Entre a alteridade e a ausência: o corpo em Freud e sua função na escuta do analista. *Percorso*, São Paulo, n. 29, p. 51-64, 2002.

FREUD, S. (1893-1895). *Estudos sobre a histeria*. In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, v. 2, 1969.

FREUD, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, v. 12, 1969.

FREUD, S. (1911). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de Paranóia (Dementia Paranoides)*. In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, v. 12, 1969.

KAPLAN, H.; SACOCK, B. *Tratado de Psiquiatria*. 9. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

LAZZARINI, E. R.; VIANA, T. C. O corpo em psicanálise. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 241-249, 2006.

LACAN, J. *As psicoses*. O seminário - livro III. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. *As formações do inconsciente*. O seminário - livro V. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

PERES, R. S. O corpo na psicanálise contemporânea: sobre as concepções psicossomáticas de Pierre Marty e Joyce McDougall. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 165-177, 2006.

SANTI, P. L. R. A paranóia como crise da autoridade. Ou, não é só porque você é paranóico que não tem ninguém lhe perseguindo. *Psychê*, São Paulo, v. 8, n. 14, p. 123-146, 2004.

SCHREBER, D. P. *Memórias de um doente dos nervos*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

VIOLANTE, M. L. V. Pesquisa em Psicanálise. In: FILHO, R. A. P.; JUNIOR, M. D. R.; ROSA, M. D. *Ciência, Pesquisa, Representação e Realidade em Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

WOLMAN, B. B. A base teórica comum das diversas técnicas psicanalíticas. In: *Técnicas psicanalíticas: a técnica freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1967.